«O HÓSPEDE DE JOB»
E A SOCIOLOGIA DA LITERATURA

SE admitirmos uma compatibilidade de intenções entre o leitor e o autor, uma vez que um escritor só o é em relação a alguém, convergência que se verifica quando o escritor e o leitor pertencem ao mesmo grupo social, temos igualmente de admitir que o sucesso duma obra o é em relação ao grupo a que se dirige e de quem reflecte os problemas. Quer isto dizer que não se pode negar a relação entre a existência dum livro e a existência dum público. Por grupo, entenda-se, não queremos significar classe ou grupo sócio-profissional. Há, por exemplo, o grupo literário constituído pelos habituais leitores cultivados e que podemos identificar com a própria literatura (que impõe aos escritores certas determinações) e existe igualmente o grupo daqueles cuja procura e necessidade embora não se exprimam, consome realmente, mas cuja falta de produtos correspondentes pode conduzir à alienação cultural desse grupo que podemos designar por popular (Robert Escarpit).

De passagem acrescentemos que não é justo subestimar o critério de avaliação deste grupo: 1.º, porque torna a operação do livro econòmicamente racional; 2.º, porque o sucesso comercial, embora não possa ser considerado como critério de valor literário, é bastante significativo em muitos aspectos importantes.

Simplificando, diremos que o êxito original duma obra consistiria pois nessa tal convergência de intenções entre o autor e o leitor.

Ora, sensacionalmente, «O Hóspede de Job», de Cardosos Pires (Prémio Camilo Castelo Branco), mesmo tendo em conta que o exercício do julgamento literário, pertence exclusivamente ao grupo literário, conseguiu o aplauso unânime de pessoas das mais diversas categorias e dos grupos a que aludi. Este é de facto, um acontecimento pouco vulgar no panorama da nossa literatura e de que até a crítica e o próprio autor se não aperceberam em toda a sua extensão. (A compra do livro também se pode tornar econòmicamente um absurdo, pela utilização repetida do mesmo livro, por exemplo).

Como se explica tal êxito?

Para os leitores cultos, por certo por razões de ordem literária, postulados estéticos, etc.; em relação ao grupo que esquemàticamente designamos de popular, não se julgue que apesar da sua decisão não ser explícita, ela exclua «a lucidez intelectual», e aqui teríamos já uma razão da sua preferência se outras «O Hóspede de Job» não comportasse. Acontece, pois, que as duas ordens de valor podem coincidir (letrados e populares) e que obra-prima literàriamente pode, ao mesmo tempo, ser uma obra popular. Mas a verdadeira essência da arte não cosistirá precisamente nesta conciliação? Simplesmente, acontece que esta possibilidade artística não está ao alcance de qualquer escritor.

Com o intuito de ilustrar estes dados sociológicos com testemunhos reais, procedemos a um pequeno inquérito entre os leitores de «O Hóspede de Job», inquérito «in loco» que pela sua veracidade pode proporcionar curiosas ilacções e que coincide no seu tom de admiração geral com a opinião unânime da crítica.

— Impressionou-me pelo seu realismo e por ser diferente de todos os romances lidos até agora. — J. da Conceição (linotipista).

— Li «Hóspede de Job» durante uma noite sem poder interromper a sua leitura. — L. Madeira (estudante de Direito).

— Uma obra maravilhosa que muito me comoveu. — Maria Adelaide (dactilógrafa).

— A linguagem escorreita, a efabulação original, o calor humano de «O Hóspede de Job» deram-me a certeza de que J. C. Pires amadureceu já o suficiente para nos deliciarmos sempre e mais com os preciosos frutos do seu labor. — Luís Fortuna de Carvalho (funcionário público).

— Quanto a mim, como bejense, acho que esta obra nos dá flagrantemente a realidade alentejana em todo o seu dramatismo. — Manuel Dias Soares (linotipista).

— Se o neo-realismo (que não sei bem o que é) permite obras desta envergadura não há dúvida que é um movimento literário profundamente válido. — A. dos Santos (proprietário).

— Este é daquela espécie de livros que lia de boamente se tivesse possibilidade de os comprar. — L. M. Vitorino (camponês).

— J. C. P., empregando uma linguagem sóbria mas incisiva e profunda trata, neste seu romance, dum assunto vivo, real, com personagens plenos de realismo e dum humanismo profundamente chocante. — Manuel B. Duarte (funcionário público e estudante).

— Li este livro sem interromper a sua leitura, tal o interesse e o encanto que me despertou. — Guilhermino Teixeira (trabalhador).

— Nenhuma outra obra nos proporciona uma visão tão verdadeira do Alentejo. — Maria L. C. Soares (estudante).

— Preocupado com exames, ainda não tive ocasião de ler «O Hóspede de Job», mas toda a gente me diz maravilhas dessa obra. — José Maria (estudante de Direito).

— Um dos melhores romances que eu li até à data. — Z. M. J. Pereira (doméstica).

ARNALDO PEREIRA

JOSÉ CARDOSO PIRES NA INTIMIDADE DO SEU LAR